

## VERDADES DIFÍCEIS

### *Hard Truths*

Um filme de Mike Leigh

2024 | REINO UNIDO, ESPANHA | 1h37 | DRAMA | M/12

Estreia: 17 de Julho de 2025

**Festival de San Sebastián 2024 – Selecção Oficial em Competição | Festival de Toronto TIFF 2024 — Special Presentations | New York Film Critics Circle Awards 2024 — Melhor Actriz (Marianne Jean-Baptiste) | International Cinephile Society Awards 2025 - Melhor Actriz (Marianne Jean-Baptiste), Melhor Actriz Secundária (Michele Austin), Melhor Argumento Original | BAFTA 2025 – Nomeações para Melhor Filme Britânico do Ano e Melhor Actriz Principal (Marianne Jean-Baptiste)**

***The Playlist* ★★★★★ | *Bande à part* ★★★★★ | *Libération* ★★★★★ | *Cahiers du Cinéma* ★★★★★ | *Le Monde* ★★★★★ | *Ouest France* ★★★★★ | *Paris Match* ★★★★★ | *Sud Ouest* ★★★★★ | *Transfuge* ★★★★★ | *The Guardian* ★★★★★ | *Financial Times* ★★★★★ | *The Film Stage* ★★★★★ | *IndieWire* ★★★★★ | *Slant Magazine* ★★★★★**



A vida é uma luta constante para Pansy. Atormentada por dores físicas e emocionais, a sua relação com o mundo manifesta-se através da raiva e do confronto: discute com a família, com o médico, com a rapariga da caixa do supermercado... A única pessoa que a compreende é Chantelle, a sua irmã mais nova, mãe solteira e com uma vida mais descontraída, acolhida pelo calor das filhas e das clientes do seu salão. Este filme generoso, vindo de um mestre do drama, leva-nos às profundezas dos laços familiares, do dever, e de um dos maiores mistérios da condição humana: o facto de, mesmo após vidas marcadas pela dor e pela adversidade, continuarmos a encontrar formas de amar aqueles a quem chamamos família.

**Com:** Marianne Jean-Baptiste, Michele Austin, David Webber, Tuwaine Barrett

**Argumento:** Mike Leigh

**Direcção de Fotografia:** Dick Pope

**Montagem:** Tania Reddin

**Produção:** Georgina Lowe

**Distribuição:** Leopardo Filmes

**Trailer:** <https://vimeo.com/1096643646>

“O olhar de Mike Leigh, entre a crueza e a ternura, dá corpo a um filme grandioso: doloroso mas de uma beleza rara.”

*Bande à part* (Isabelle Danel) ★★★★★

“Se *Verdades Difíceis* nos marca, é precisamente por ser extraordinário na forma como nos arrasta para o meio de situações abruptas, cuja soma nos revela a própria vida.”

*Libération* (Elisabeth Franck-Dumas) ★★★★★

“*Verdades Difíceis* apresenta uma nova abordagem àquilo que o cinema sempre captou de forma mais poderosa: como nos amamos tão mal, quanto podemos sofrer por não sermos bem amados. Uma dor que, no seu melhor, rasga o ecrã.”

*Le Monde* (Boris Bastide) ★★★★★

“O notável retratista inglês Mike Leigh assina, com *Verdades Difíceis*, uma comédia dramática surpreendente em torno de uma personagem pouco amável.”

*Ouest France* (Thomas Baurez) ★★★★★

“Notável *character study*, *Verdades Difíceis* [...] é um filme tão difícil de amar quanto a sua protagonista errática. Mas quando, por fim, ela rompe a barreira, quando as lágrimas caem e os corações sangram, a emoção acumulada arrasta tudo consigo. Arte em estado puro.”

*Paris Match* (Yannick Vely) ★★★★★

“Um belíssimo filme onde a dor vem à tona.”

*Transfuge* (Séverine Danflous) ★★★★★

“Marianne Jean-Baptiste é excepcional no papel de uma mulher no desfecho da depressão, neste drama profundamente sóbrio e compassivo, não isento de vislumbres de leveza.”

*The Guardian* (Peter Bradshaw) ★★★★★

“Marianne Jean-Baptiste revela-se magistral num retrato preciso da angústia.”

*Financial Times* (Danny Leigh) ★★★★★

“Ao longo do filme, Leigh executa um dos seus habituais truques: o realizador desenvolve as personagens de forma gradual, em vinhetas soltas e divagantes, antes de as reunir numa sala para observar como as suas obsessões se entrelaçam.”

*Slant Magazine* (Cole Kronman) ★★★★★

## “Verdade Seja Dita” – *Sight and Sound*, Jonathan Romney

Mike Leigh está em forma fulgurante em *Verdades Difíceis*, um retrato mordazmente cômico e emocionalmente devastador das vidas marcadamente contrastantes de duas irmãs e das suas famílias na Londres suburbana. Aqui, o cineasta explica a subtil diferença entre realismo e naturalismo, a importância crucial da colaboração nos seus filmes e por que razão o seu trabalho se foca na compreensão, e não no julgamento.

O mundo muda... Londres muda... Mike Leigh permanece. Falo com o realizador britânico num escritório em King's Cross, a zona onde, há 37 anos, rodou a sua longa-metragem *Grandes Ambições* (1988). Na altura, o bairro estava notoriamente degradado e decadente, ainda a conservar um traço forte da atmosfera que outrora o tornara cenário de *O Quinteto Era de Cordas* (1955), de Alexander Mackendrick. Hoje, dificilmente se reconhece esse lugar na remodelada paisagem corporativa, repleta de escritórios e zonas de restauração. Mas Mike Leigh continua a ser Mike Leigh – o observador implacável do mundo, dos seus habitantes e das suas neuroses. Nessa manhã, conta-me, um erro de comunicação fez com que chegasse à entrevista mais cedo do que o previsto. “Tive uma hora e três quartos de tempo morto nesta zona. Por isso, fui até à estação de King's Cross e observei as pessoas. Há mil filmes ali.”

Ao longo das quinze longas-metragens que realizou desde 1971, para além de todo o seu trabalho em teatro e televisão, Mike Leigh tem sido um cronista acutilante mas terno da sociedade britânica. E, através do seu reconhecidamente singular método colaborativo, fomentou essa mesma perspicácia observacional em gerações de actores. A sua obra – seja na escala íntima que caracteriza a maioria dos seus filmes, seja na dimensão mais ampla dos três dramas do século XIX (*Topsy-Turvy*, 1999; *Mr. Turner*, 2014; *Peterloo*, 2018) – continua difícil de classificar, salvo nos seus próprios termos, dada a natureza *sui generis* dos seus tons e texturas. Ainda assim, um recente perfil na *The New Yorker* apresentou-o simplesmente como “o realizador britânico realista Mike Leigh”. Será esse um rótulo que aceita?

“É uma forma perfeitamente razoável de descrever um cineasta que faz filmes sobre a vida real. Quer dizer, se dissesse ‘naturalista’... aí provavelmente já implicaria, porque acho que o que faço é realismo, não naturalismo – procuro chegar à essência, não à superfície.”

A sua mais recente longa-metragem, *Verdades Difíceis* [*Hard Truths*], tem mais um daqueles títulos *à la* Mike Leigh que, à partida, soam vagamente provocadores, quase como um cliché – *Grandes Ambições* [*High Hopes*], *A Vida é Doce* [*Life Is Sweet*] (1990), *Tudo ou Nada* [*All or Nothing*] (2002) – mas que revelam a sua verdadeira ressonância à medida que as histórias desvendam os nós das relações humanas. Como todos os seus filmes, *Verdades Difíceis* é uma peça coral, mas, tal como acontece em alguns dos seus trabalhos, centra-se de forma

particular numa personagem: uma mulher negra de meia-idade chamada Pansy, que vive num subúrbio não especificado de Londres. É interpretada por Marianne Jean-Baptiste, que se reencontra com Leigh três décadas após a sua reveladora interpretação da optometrista Hortense em *Segredos e Mentiras* (1996).

Pansy é cronicamente amarga, ansiosa e irritada. O seu perplexo e ineficaz marido, Curtley (David Webber), e o filho desempregado de 22 anos, Moses (Tuwaine Barrett), são fontes constantes de frustração, tal como o é toda a sua vida. Mal consegue sair de casa sem descarregar a raiva sobre todos os que encontra (médico, dentista, empregados de supermercado), a sua hipocondria acompanhada da convicção de que o mundo conspira para a perseguir.

Entretanto, a sua irmã cabeleireira, Chantelle (Michele Austin, presença habitual nos filmes de Leigh, que interpretou Dionne, amiga de Hortense em *Segredos e Mentiras*), é animadamente empática e sabe tirar o melhor da vida, tal como as suas filhas, Kayla (Ani Nelson) e Aleisha (Sophia Brown), jovens profissionais altamente motivadas que também sabem aproveitar os bons momentos. Alternando entre o emocionalmente devastador e o mordazmente cómico, com uma interpretação de Jean-Baptiste que percorre ambos os registos, *Verdades Difíceis* promete permanecer como um dos filmes maiores de Mike Leigh. O seu brilho reside, em parte, na excelência do elenco – Jean-Baptiste e Austin arrecadaram já múltiplos prémios e nomeações nesta temporada – e, em parte, na sua precisão e economia narrativa. Executado com rigor (veja-se a concisão da montagem de Tania Reddin na sequência final, absolutamente dilacerante), o filme impõe-se como uma síntese perfeita do estilo intimista-realista de Leigh. Marca também a sua última colaboração com Dick Pope, seu director de fotografia desde 1990, falecido em Outubro passado: não poderia haver imagem de despedida mais sucinta e perfeita do que o extraordinário plano, já perto do fim de *Verdades Difíceis*, que mostra Pansy de costas, sentada na cozinha, a olhar para o vazio estéril do seu quintal. Um momento fantasmagórico e pictórico de imobilidade suspensa.

Mas o filme também se destaca pela riqueza de ecos de outras obras de Leigh. Com Jean-Baptiste e Austin no elenco, é inevitável que transporte ressonâncias de *Segredos e Mentiras*; na verdade, ambos os filmes incluem uma cena no cemitério e um encontro familiar diurno que culmina num momento de verdade dilacerante. Enquanto estudo de depressão no seio familiar, há paralelismos com *Tudo ou Nada*. E Pansy surge como o oposto absoluto de outra heroína “floral” de Leigh: a incansável optimista Poppy, de *Um Dia de Cada Vez* (2008). Mas esses paralelos não interessam a Leigh. “Não penso nisso de todo. Quando estou a fazer um filme, é nele que estou concentrado. O trabalho é fazer isto – seja lá o que ‘isto’ for.”

Um tema recorrente na obra de Leigh é o contraste entre as pessoas que estão preparadas para lidar com a vida e aquelas que pura e simplesmente não conseguem. Porque será que

Chantelle e as filhas vivem a vida de forma tão diferente de Pansy, do marido e do filho? Leigh devolve-me a pergunta: “Tem irmãos?... Ah, isso é interessante”, diz com uma gargalhada, quando respondo que não. “Veja, há pessoas assim, e pessoas ‘assado’... Pergunte à Pansy, e ela dir-lhe-á que a Chantelle foi a preferida [em criança]; mas percebe-se, pela reacção de Chantelle [no filme], que claramente não foi o caso. As complexidades da vida são o que nos torna quem somos, e é nelas que se joga essa variação entre o extremo da paranóia e o extremo da alegria e da positividade. As causas dessas diferenças são muitas e variadas, e é só isso que lhe posso dizer.”

No centro do filme está a interpretação galvanizante de Jean-Baptiste, a anos-luz de Hortense em *Segredos e Mentiras*, que era tão atenta e aberta ao mundo. A sua Pansy vibra a uma frequência nervosa muito mais intensa do que todos à sua volta, quer acorde em pânico, se lance em surtos maníacos de queixa, ou simplesmente se feche em silêncio. Esse silêncio, numa cena fulcral, exprime um colapso emocional ainda mais perturbador do que a sua logorreia frenética.

Com poucas excepções, o elenco e as personagens de *Verdades Difíceis* são negros. Mas este não é “um filme sobre a vida dos negros britânicos”, seja lá o que isso queira dizer, nem tão-pouco sobre algo tão vago como um grupo de personagens que, como se costuma dizer, “calha serem negras”. Talvez seja mais acertado dizer que *Verdades Difíceis* é um filme que, de forma tangencial, explora certos aspectos da experiência e da cultura negras no Reino Unido através deste grupo específico de personagens. O que surgiu primeiro: a vontade de contar uma história com personagens negras, ou a decisão de trabalhar com um elenco negro? A pergunta parece pertinente, tendo em conta a forma como Leigh gera os seus dramas: não a partir de enredos pré-definidos, mas através do trabalho com um grupo de actores, descobrindo personagens e uma narrativa que as ligue. “Obviamente, foi uma decisão deliberada”, diz. “Sabe como é – ‘está na altura de voltar a trabalhar com a Marianne e com a Michele.’”

Neste caso, detalhes cruciais das personagens, como os toques de *patois* e as inflexões jamaicanas que surgem subitamente nos sotaques londrinos de feição *cockney*, como quando Pansy se refere ao colega de trabalho de Curtley, Virgil, como “that imm-becile”, são precisamente o tipo de especificidade que os próprios actores trazem para o processo de ensaio. Leigh sublinha que esta está longe de ser a primeira vez que cria uma ficção sobre um mundo que não é o seu – incluindo o seu trabalho para teatro e televisão com personagens norte-irlandesas, gregas, australianas ou inglesas de classe alta. “Seja qual for o projecto, e independentemente de ser algo sobre o qual eu saiba muito ou nada, o trabalho é sempre colaborativo, e eu estou ali para aprender e integrar o que os outros sabem. Portanto, quando há *patois*, não fui investigar isso por conta própria. Trabalho com [os actores], eles sabem o que aquela personagem diria, e editamos da mesma forma que fazemos com o resto do diálogo. Todo o processo de fazer cinema, para mim, é uma

aprendizagem.” Resta, naturalmente, uma pergunta que muitos irão colocar numa época em que tanta cautela, e até desconfiança, acompanha a questão de quais os artistas que são, ou não, as pessoas “apropriadas” para abordar determinados temas: o que está um homem branco de 81 anos a fazer a realizar um filme sobre personagens negras? É um debate para o qual Leigh tem pouca paciência.

“Quanto a mim, é um disparate. E ninguém envolvido no filme acha que seja outra coisa que não um disparate, aliás. No fim de contas, a questão é saber se é verdadeiro e se resulta. Quanto a estar qualificado ou não para fazer este filme, é completamente irrelevante. É uma manifestação trágica de certas tendências do século XXI. Não quero ter nada a ver com isso.”

Uma das questões que se levanta em relação à experiência de Pansy e da sua família diz respeito a algo que nunca é abordado de forma explícita em *Verdades Difíceis*: o racismo. Mas a sua presença parece, no mínimo, implícita. Veja-se, por exemplo, a cena em que a chefe branca de Kayla numa empresa de cosméticos, interpretada com uma falsidade maravilhosamente venenosa por Samantha Spiro, rejeita com desdém a sua sugestão para melhorar a imagem da marca. Ou o momento em que Pansy repreende Moses por fazer longos passeios a pé sozinho, avisando-o de que poderá ser acusado de “vadiagem com intenção criminosa”, uma preocupação longe de ser descabida, tendo em conta as realidades que um jovem negro pode enfrentar nas ruas de Londres. Será que é a experiência de racismo que está na base da ansiedade permanente de Pansy?

“Por um lado,” diz Leigh, “seria ridículo sugerir que nenhuma daquelas personagens alguma vez tenha passado por experiências de racismo. É evidente que todas elas terão passado por isso, e bastante, porque faz parte da realidade da sua existência. Por outro lado, não é esse o tema do filme. Deliberadamente, porque uma das coisas que sabia, com clareza, que teria de fazer era evitar os lugares-comuns e os temas habituais que os filmes sobre pessoas negras costumam abordar. Não se trata disso; trata-se, obviamente, de dizer: ‘Estas são pessoas, ponto final.’” Talvez, admite, a questão do racismo esteja presente na cena com a chefe da Kayla, “mas isso cabe ao público decidir.”

Leigh referiu-se anteriormente a Jean-Baptiste como uma “*character actress*”, sendo que, para ele, o termo tem um significado totalmente diferente da sua aplicação habitual, muitas vezes algo depreciativa. “Na linguagem de antigamente, um *character actor* era alguém em Hollywood já com alguma idade, que fazia papéis pequenos. Isso não tem nada a ver com o que estamos aqui a falar. Há uma convenção enorme na representação, especialmente no cinema, em que as pessoas fazem sempre de si próprias. Mas não é disso que se trata. O que eu quero dos actores nos meus filmes é versatilidade, que sejam capazes de interpretar pessoas reais e de se transformarem.”

Esse processo de transformação, no trabalho de Leigh, passa, como é bem conhecido, por uma imersão que nada tem a ver com a ideia popular do *Método*, no sentido de “se tornar” uma personagem, mas sim de a conhecer profundamente – alcançar uma familiaridade total com a sua história, com a forma como vive, fala e se comporta. Isso inclui as competências profissionais das personagens, como, por exemplo, Michele Austin aprender a pentear como a Chantelle no seu salão. “Apesar de ter estado nesses salões toda a vida, ela teve de passar algum tempo em vários e aprender a fazer aquilo, e não só isso, aprender a fazê-lo enquanto via televisão... Chegou a ter um boneco em casa para praticar, enquanto via TV, de modo a conseguir fazê-lo de forma automática. Os actores irem fazer trabalho de campo e investigação faz parte do procedimento. É, simplesmente, observar de forma natural o que as pessoas fazem, e onde o fazem.”

Leigh já está a financiar o seu próximo filme, que, segundo diz, terá uma escala semelhante à de *Verdades Difíceis*. Ao longo de todos estes anos, a sua dedicação a padrões rigorosos nunca vacilou. Recorda o seu antigo produtor, o falecido Simon Channing Williams, a regressar de reuniões com financiadores: “Ele dizia-me: ‘Eles não se importam que não haja guião. Não se importam de não saber do que trata. Estão dispostos a dar-te todo o dinheiro do mundo, mas exigem um nome’ – ou seja, uma estrela de cinema americana. E eu respondia: ‘Sai já dessa conversa.’” Perguntam-lhe muitas vezes: “Qual é o seu conselho para jovens cineastas?” “Não cedam em nada. Nunca digam: ‘Bem, não quero mesmo fazer isto, mas se o fizer, depois posso fazer aquilo.’ Isso são tretas. Tretas puras.”

Nestes tempos duros e pragmáticos, esse pode não ser o conselho mais “prático” para cineastas em início de carreira, mas é, sem dúvida, um ideal a que aspirar, e é esse o princípio que continua a guiar o trabalho de Leigh. Embora os comentadores tenham, por vezes, a tendência de envolver os métodos de Leigh numa certa aura de mistério, ele fala deles com total simplicidade e realismo. Em vários momentos da entrevista, quando questionado sobre determinado efeito ou intuição, responde apenas: “Faz parte do jogo.” O seu “jogo” é de uma natureza muito específica e, apesar da acidez que por vezes o caracteriza, é muito mais compassivo do que muitas vezes se lhe reconhece. O título da crítica recente de Stephanie Zacharek na *Time* dizia: “*Verdades Difíceis* é bondade infinita sob a forma de cinema.” Mas quão infinitamente bondoso se sente Leigh para com as suas personagens? Haverá alguma à qual, na vida real, lhe apetecesse dar um murro?

“Não, não é nada disso. Para mim, trata-se de compreender as pessoas e de ser empático, não de julgar. Claro que, quase no extremo oposto do espectro, temos o senhorio de *Nu* (1999); de qualquer modo que se olhe, acho que é um tipo profundamente desagradável.”

“Mas mesmo ele tem momentos de vulnerabilidade. Trata-se de ver as pessoas como elas são.”

**“Quando tu interpretas medo, o teu corpo não sabe que estás a fingir” – *Sight and Sound*, Leila Latif**

Três décadas após a sua interpretação (que lhe valeu uma nomeação para o Óscar de Melhor Actriz Secundária) em *Segredos e Mentiras*, de Mike Leigh, Marianne Jean-Baptiste reencontra-se com o realizador em *Verdades Difíceis*, no papel de Pansy – uma mulher frágil, solitária, assolada por pensamentos obsessivos e rancores. Nesta entrevista, a actriz descreve o meticuloso processo de construção da personagem e explica os desafios de habitar alguém consumido por um profundo tumulto mental.

Trabalhar num filme de Mike Leigh, como tantas vezes se disse, exige uma certa dose de fé por parte do actor. “Comprometemo-nos a trabalhar, a desenvolver uma personagem, sem saber o que vai acontecer – ou sequer se essa personagem vai acabar por entrar no filme”, conta-me Marianne Jean-Baptiste quando nos encontramos em Londres para falar sobre a sua interpretação em *Verdades Difíceis*. Mas quando chegou o convite para integrar o projecto, três décadas depois de ter interpretado uma optometrista em busca da mãe biológica em *Segredos e Mentiras*, bastou que o realizador lhe perguntasse: “Queres fazer isto outra vez?”

Jean-Baptiste trabalhou pela última vez com Mike Leigh quando compôs a banda sonora da comédia *Raparigas de Sucesso* (1997), um projecto no qual, enquanto actriz e também musicista, teve, segundo conta, “muita liberdade para criar algo *jazzy* e moderno”. Agora reencontra-se com o realizador, desta vez de novo diante da câmara, numa interpretação que está a anos-luz da sua presença régia e serena na vida real. Pessoalmente, Jean-Baptiste fala com suavidade e ponderação, fazendo longas pausas enquanto recorda com precisão os detalhes das suas colaborações com Leigh. No filme, porém, dá corpo a tiradas furiosas e descontroladas, interpretando a frágil e solitária Pansy: uma figura abrasiva, obsessiva e implacavelmente desagradável, apesar de se ver a si própria como um bastião de respeitabilidade.

O filme centra-se nas relações de Pansy com o seu taciturno marido empreiteiro, Curtley (David Webber); com Moses (Tuwaine Barrett), o filho tímido e sem rumo, na casa dos vinte; e com a irmã Chantelle (Michele Austin), uma cabeleireira encantadora e naturalmente calorosa. Os caminhos das duas irmãs separaram-se após a morte da mãe, muitos anos antes, e enquanto a casa de Chantelle é um espaço de afecto e conversa descontraída, o lar de Pansy é estéril e praticamente silencioso – interrompido apenas pelos seus solilóquios furiosos, que vão desde as desilusões do casamento até à inutilidade de roupas de bebé com bolsos.

*Verdades Difíceis* lida com questões de saúde mental, alienação e trauma intergeracional no seio de uma família negra e operária alargada, com Moses e Curtley quase esmagados pelo

peso insuportável de viver sob o mesmo tecto que Pansy. Mas o filme possui também um humor mordaz, com Jean-Baptiste a demonstrar um *timing* cómico quase musical ao queixar-se de acessórios caninos supérfluos ou ao disparar insultos contra funcionários de atendimento demasiado zelosos. “O que torna a personagem tão complexa e interessante é que muitas das suas observações são, de facto, verdadeiras”, diz Jean-Baptiste. “Talvez não reparemos nelas, mas para ela, são exemplos de estupidez imperdoável. E houve momentos divertidos, sim – andar por aí a ver o mundo pelos olhos dela.”

Jean-Baptiste começou o processo de desenvolvimento da sua personagem levando ao realizador uma lista com dez pessoas. “Pode ser alguém que conhece muito bem, ou pode ser alguém que viu no supermercado e achou fascinante”, explica. “E depois começa-se a fundir essas referências, a misturá-las, e a construir uma pessoa completamente nova.”

Munida de uma infinidade de detalhes que foi reunindo, desde experiências de parto a receitas de família jamaicanas, passando por possíveis locais para o primeiro encontro de Pansy e Curtley, Jean-Baptiste trabalhou de perto com Mike Leigh até ao momento da rodagem. A sua abordagem à personagem distingue-se claramente das técnicas de interpretação imersiva associadas a Konstantin Stanislavski, Lee Strasberg ou Stella Adler. “Mike é muito rigoroso quanto ao facto de os actores saírem da personagem”, explica. “Temos sempre de nos referir à personagem na terceira pessoa — o que é o oposto do *Method*.”

Esta exigência de Leigh revelou-se especialmente desafiante para Jean-Baptiste, uma vez que todos os momentos conscientes da sua personagem são marcados por uma dor existencial profunda. “Está-se a construir o padrão de pensamento de alguém com pensamentos intrusivos”, explica, acrescentando que isso teve um impacto físico real: “quando se interpreta o medo, o corpo não sabe que estamos a fingir. Para o representar com honestidade, o corpo atravessa toda a ansiedade da Pansy, todo esse cortisol.”

Não surpreende, talvez, que esse desconforto tenha transbordado para as primeiras vezes em que Jean-Baptiste viu o filme: “Nas duas primeiras sessões, estava sentada cheia de ansiedade a pensar: ‘Meu Deus, alguém vai bater-lhe.’” Essa possibilidade atinge o seu ponto máximo numa cena que ocorre a meio do filme, num parque de estacionamento, quando as atitudes de Pansy deixam de ser mordazmente cómicas para se tornarem verdadeiramente arrepiantes. É um momento de viragem que prepara o terreno para o acto final, mais contido e melancólico, e Jean-Baptiste recorda que, nas projecções, era possível “ouvir uma agulha cair” à medida que a máscara de Pansy desaparece e revela a verdadeira dimensão das suas feridas psicológicas.

Mas, embora a sua personagem seja, por vezes, obsessiva e emocionalmente paralisada, Jean-Baptiste mostra-se relutante em atribuir um diagnóstico específico a Pansy:

“concordámos que não queríamos que o filme explicasse demasiado, nem que dissesse que ela sofre de um conjunto de doenças mentais.” Ainda assim, sublinha que, no próprio filme, durante um dia de consultas médicas, Pansy acaba por o dizer de forma clara: “Depois de se queixar do estômago, disto e daquilo, acaba por dizer ao médico: ‘É da minha cabeça!’”

À medida que o nosso tempo se aproxima do fim, pergunto-lhe como se sente ao saber que ela e Leigh voltaram a receber elogios tão entusiásticos e distinções críticas pela colaboração. E embora a actriz – nomeada para os BAFTA e os Óscares por *Segredos e Mentiras* – diga que “não é surda aos bons comentários sobre *Verdades Difíceis*”, faz questão de sublinhar: “O verdadeiro feito destes filmes é o facto de, passados tantos anos, ainda haver pessoas que me falam das suas adopções. Estou absolutamente feliz por ter feito mais um filme com ele que faz as pessoas pensar sobre o luto, que leva a discussões sobre o que acontece no final ou que as faz reconhecer o que há de tóxico nas suas próprias relações. Isso é maravilhoso.”

## CONTACTOS

Distribuição Leopardo Filmes

Manuela Mina

[manuelam@leopardofilmes.com](mailto:manuelam@leopardofilmes.com)

+ 351 213 255 822

Imprensa Leopardo Filmes

Flávio Gonçalves

Nuno Gaio Silva

[press@leopardofilmes.com](mailto:press@leopardofilmes.com)

+ 351 213 255 810

[www.leopardofilmes.com](http://www.leopardofilmes.com)

Leopardo Filmes

Travessa das Pedras Negras, 1 – 5º andar

1100-404 Lisboa Portugal



